

Amilcar de Castro - *Transparências*

Rodrigo de Castro - curador - março/2016

Matéria: o aço. Movimentos: o corte e a dobra. E assim, com movimentos simples executados sobre a chapa de aço, o artista criou uma inusitada maneira de pensar e fazer escultura. À matéria nada é acrescentado ou retirado. E a chapa, inerte e indiferente ao mundo, surge no espaço em 3ª dimensão deixando para trás o aço plano para se transformar em escultura. O corte define a estrutura mas é a dobra que cria a peça e abre os espaços vazios que serão preenchidos pela luz.



Amilcar dominou o aço com sabedoria e sensibilidade criando ao longo de sua trajetória uma obra vigorosa, intensa e além do tempo. Além desse tempo não por ser hoje incompreendida, mas porque o passar do tempo sempre revela a força da história e Amilcar de Castro é um daqueles que permanecerão para sempre na História da Arte.

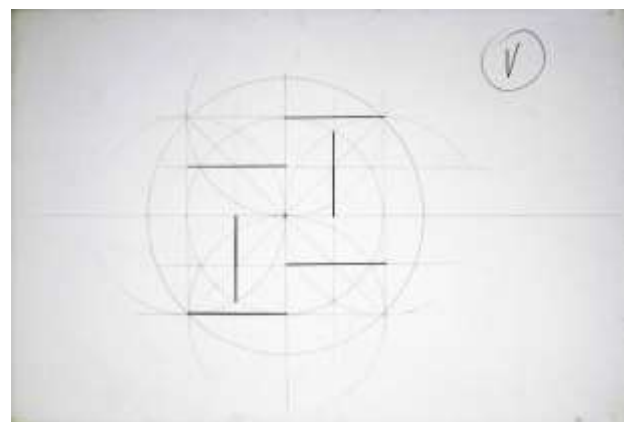
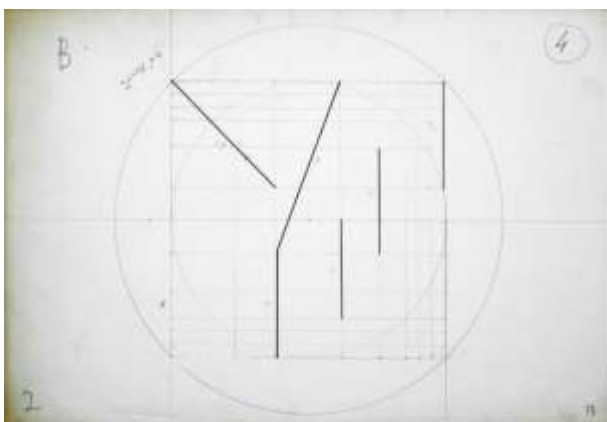
Sempre pensando em outras possibilidades, Amilcar explorou diversos materiais: madeira, granito, mármore, aço inoxidável e vidro. E a matéria inflexível à dobra, fez com que pensasse nas esculturas de corte e deslocamento. Os cortes criam as linhas da estrutura da obra e, no lugar da dobra, o deslocamento dos blocos abre o espaço para a luz.





Um capítulo a parte, muito a parte, são as esculturas em vidro. As “colunas de vidro”, como as chamava. O processo de criação do artista sempre se iniciava com o desenho. E a importância da linha em sua obra é marcante. E vem de longe, do tempo que estudava com Guignard (*Alberto da Veiga Guignard - 1896 - 1962*), quando desenvolveu o talento que tinha para o desenho e nunca mais o abandonou. As esculturas tinham então um processo de feitura onde os estudos eram desenhados em cartolina, cortados e dobrados para que fosse possível a visualização no espaço. Esses desenhos eram realizados com a visão do plano, sem a perspectiva da profundidade e o cortar e o dobrar do papel realizavam a peça em estudo.

As “colunas de vidro”, feitas de lâminas de vidro encaixadas em uma base de madeira, nascem de um processo de feitura diferente. O artista não tem como visualizar a obra através de um desenho plano e nem era esse o seu foco. O que buscava era a harmonia das linhas do desenho da base da escultura. Desenhava as linhas de encaixe das lâminas na base. E a qualidade do desenho determinava a feitura ou não da peça.



Os desenhos são, eles próprios, admiráveis. A geometria muito particular do artista, “encontrava” linhas “escondidas” entre um universo de circunferências. Eleitas com o traço forte no papel. Harmonia e força, ritmo e sensibilidade, equilíbrio e criatividade. Desenhos de Amilcar.

Pronta a peça, as lâminas de vidro encaixadas na base, perdemos a origem da obra. Os desenhos não estão mais ali presentes. E o que vemos é surpreendente. Transparências sutis desenham com a luz linhas e profundidades que se modificam com a direção o olhar. A base de madeira é forte e irregular. Unindo e segurando as transparências que parecem flutuar.



A criatividade vigorosa de Amilcar de Castro, do corte e dobra do aço às transparências do vidro, não é de forma alguma colocada aleatoriamente no tempo. Ao contrário, Amilcar criou uma linguagem e com ela desenvolveu sua arte ao longo da vida. E dizia que “vida e arte são a mesma coisa. Não existe uma sem a outra...”